

JORNALISMO

“FAKE NEWS”, PÓS-VERDADE E SOCIEDADE DO CAPITAL: O IRRACIONALISMO COMO MOTOR DA DESINFORMAÇÃO JORNALÍSTICA

“FAKE NEWS”, POST-TRUTH AND SOCIETY OF CAPITAL: IRRATIONALISM AS THE ENGINE OF JOURNALISTIC MISINFORMATION

“FAKE NEWS”, POST-VERDAD Y SOCIEDAD DEL CAPITAL: EL IRRACIONALISMO COMO MOTOR DE LA DESINFORMACIÓN PERIODÍSTICA

Rafael Bellan Rodrigues de Souza¹

RESUMO: investiga-se a constituição histórico-social do fenômeno da pós-verdade e, no âmbito jornalístico, das chamadas “fake news”, analisando-as como decorrentes de processos econômicos, sociais e ideológicos característicos das mutações no sistema metabólico do capital. Assim, busca-se compreender a relação entre as mudanças da ordem econômica e a consolidação e intensificação da pós-modernidade, dimensão ideológica e cultural do capitalismo tardio, em sua recente inserção na esfera cotidiana, a pós-verdade. Por meio do debate em torno das categorias lukacsianas de irracionalismo e decadência ideológica, propõe-se uma reflexão sobre os fundamentos ontológicos da desinformação jornalística e, por conseguinte, da perda da realidade objetiva por ela promovida.

Palavras-Chave: Jornalismo. “Fake News”. Irracionalismo.

ABSTRACT: the historical-social constitution of the post-truth phenomenon and, in the journalistic scope, the so-called “fake news” are investigated, analyzing them as resulting from the economic, social and ideological processes characteristic of the mutations in the metabolic system of capital. Thus, it seeks to understand the relationship

¹ ORCID: 0000-0003-0165-2927 - E-mail: rafaelbellan@yahoo.com.br



between the changes of the economic order and the consolidation and intensification of postmodernity, the ideological and cultural dimension of late capitalism, in its recent insertion in the daily sphere, the post-truth. Through the debate about the lukacsian categories of irrationalism and ideological decadence, it is proposed a reflection on the ontological foundations of journalistic misinformation and, consequently, the loss of the objective reality promoted by it.

Keywords: Journalism. “Fake News”. Irrationalism.

RESUMEN: se investiga la constitución histórico-social del fenómeno de la pos-verdad y, en el ámbito periodístico, de las llamadas fake news, analizándolas como derivadas de procesos económicos, sociales e ideológicos característicos de las mutaciones en el sistema metabólico del capital. Así, se busca comprender la relación entre los cambios del orden económico y la consolidación e intensificación de la posmodernidad, dimensión ideológica y cultural del capitalismo tardío, en su reciente inserción en la esfera cotidiana, la post-verdad. Por medio del debate en torno a las categorías lukacsianas de irracionalismo y decadencia ideológica, se propone una reflexión sobre los fundamentos ontológicos de la desinformación periodística y, por consiguiente, de la pérdida de la realidad objetiva por ella promovida.

Palabras Clave: Periodismo. “Fake News”. Irracionalismo.

Introdução

Em julho de 2018 uma ação da rede social *Facebook* derrubou quase trezentas páginas e perfis ligados, de alguma forma, à direita brasileira representada pelo Movimento Brasil Livre (MBL). A acusação foi de que a desinformação seria propagandeada no ambiente digital, sendo capitaneada por esses históricos divulgadores de “fake news” (notícias falsas), desmantelando uma provável ação orquestrada nas eleições brasileiras.

Todavia, na reta final da campanha presidencial de 2018, o candidato de extrema direita Jair Bolsonaro se beneficiou, com certa dose de tranquilidade, de inúmeros boatos sobre seu adversário no segundo turno, Fernando Haddad, entre elas, factoides como o kit gay nas escolas infantis, a pedofilia permitida com crianças a partir de 12 anos, a defesa do incesto, a falsa agressão a uma eleitora bolsonarista por parte de petistas (na verdade a atriz Beatriz Segall em outro episódio de violência), bem como outras criações falaciosas – a inesquecível imagem da mamadeira em formato de pênis tornou-se um marco do pleito eleitoral. Essas informações difundidas pelas redes sociais em prol da desinformação

jornalística tiveram como principal veículo o aplicativo de conversas *WhatsApp*, que alavancou o clima eleitoral de adesão à campanha do capitão reformado.

O silêncio obsequioso e a lentidão das medidas do Tribunal Superior Eleitoral, bem como as táticas de uso de *bots* e compartilhamentos em massa financiados pelos apoiadores do atual presidente sedimentaram o ambiente de ódio em que Bolsonaro sagrou-se vitorioso. As interações nessas esferas, na casa dos milhões, mostram o tamanho da bolha que circunscreve a boataria na internet.

Por iniciativa dos grandes conglomerados rentistas (HUWS, 2014) da rede, *Facebook* e *Google*, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e mais vinte empresas jornalísticas criaram o projeto Comprova, atividade de “*fact cheking*” (checagem das possíveis notícias falsas) que procura desmantelar as redes de mentira na rede. Todavia, mais do que bastiões de uma batalha pela verdade, as redes sociais privadas são produto, mas também agentes, do fenômeno que buscam solucionar.

Também as empresas jornalísticas não podem se alvorar o papel heroico de zelar pela verdade jornalística. Elas também são parte do problema quando associadas à economia do tempo de vida que a indústria midiática e a gestão privada das redes estruturaram na subjetividade contemporânea. *Facebook* e *Google* tem seu modelo de negócios baseados exatamente no engajamento de seus usuários, vive de sua atenção. Dados do relatório de 2016 do Instituto Reuters, da Universidade de Oxford, apontam que 72% dos brasileiros leem notícias pelas mídias sociais, ou seja, utilizam a circulação de informações gestadas pelos algoritmos de uma empresa privada em especial. Isso mostra o impacto das redes sociais na produção jornalística.

Com a perda do status seguro e público cativo, as empresas jornalísticas viram que seria uma boa hora para lutar por seu lugar até então reservado. Todavia, com sua atuação enquanto aparelho ideológico do neoliberalismo (RAMONET, 2013) e a perda de credibilidade que conquistou com suas próprias “fake news”, sua checagem não garante o acesso ao conhecimento jornalístico que a sociedade necessita em tempos de crise. O que se testemunha é a ampliação de desinformação em contexto de hegemonia do irracionalismo na produção intelectual e cultural, algo que potencializa os estranhamentos produzidos pelo contexto da maquinaria capitalista do século XXI.

Nada envolve mais a ação individual nas redes do que o atalho da busca por sensações rápidas² e “lacrações” resultantes da gramática do “curtir” e do

² Genro Filho (2012) demonstra porque o sensacionalismo tende a ser conservador e, por vezes, reacionário. A singularização sem a contextualização do particular, no caso do jornalismo, promove uma experiência ime-

reconhecimento narcísico nas bolhas. Uma legião de sujeitos flutuantes sem guia especializado, “imbecis” no dizer de Umberto Eco, que em um de seus últimos discursos retratou a internet como responsável por elevar um idiota da aldeia a portador de verdade.

Veremos nesse artigo que, mais do que responsável, a tecnologia e as mídias sociais surgem como uma esfera de intensificação do irracionalismo na estrutura da subjetividade hegemônica (LUKÁCS, 2016), processo que têm suas ligações com o pós-modernismo, enquanto domínio da decadência ideológica, e amarrações orgânicas com o sistema de metabolismo social do capital.³ Também, inescapavelmente, esse processo possui laços concretos com os estranhamentos gerados pelo homem-empresa toyotista, o trabalhador contemporâneo vitimado pela corrosão do caráter (SENNET, 2009) administrado pela governamentalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016).

A desinformação jornalística tornou-se um fenômeno comum em nossa época. O ambiente digital reforçou no senso comum o descompromisso com a informação jornalística capaz de se apresentar como conhecimento dos aspectos singulares da realidade (GENRO FILHO, 2012). Isso ocorre massivamente, pelo menos, desde 2016, quando o dicionário de Oxford escolheu pós-verdade como a palavra do ano, definindo-a como as “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (D’ANCONA, 2018, p. 20).

O termo possui raízes um pouco mais antigas, com seu uso pioneiro datando de 1992 em um artigo de Steve Tesich publicado na revista *The Nation*. Em 2010, o blogueiro David Roberts escreveu que uma cultura política nova havia se sedimentado entre os norte-americanos, tratando-se do imperativo da pós-verdade. Para ele, eleitores escolhiam seus posicionamentos com base em opiniões de tribos e proximidades baseadas nos valores e afetos. A expressão jornalística da pós-verdade é a ampliação do leque das notícias falsas nesse território de domínio da guia subjetiva da *irrazão*. O fenômeno não se restringe só ao critério de objetividade aplicado às notícias, mas também surge como uma ação mais ampla orientada pelos grupos de poder.

diatista que conecta o indivíduo ao universo social reificado.

³ Mészáros (2002) define o sociometabolismo do capital como um complexo social universalizante e incontável caracterizado pela subsumção da divisão do trabalho ao comando do capital. O núcleo do sistema é composto por três eixos principais: o Estado, o trabalho e o próprio capital. O sistema subordina para si todas as áreas da atividade humana, entre eles os domínios culturais e intelectuais.

Fake news não são apenas notícias falsas, mas também plantadas, cultivadas e hipertrofiadas para que desorientem, confundam, enganem. Elas viralizam nas redes sociais, espalhadas por indivíduos desavisados ou interessados e por sistemas automatizados, como *bots* e algoritmos (CHRISTOFOLETTI, 2018, p. 62).

A eleição de Donald Trump nos Estados Unidos demonstrou a tese de que o enganosamente teve o triunfo sobre o honestamente complexo, o visceral venceu o racional. Melhor uma narrativa fantasiosa que parecia boa do que nenhuma. A campanha do povo britânico pela saída da União Europeia já anunciava o apelo às emoções como condução de decisões políticas.

No Brasil, a eleição de Bolsonaro também guarda semelhanças com esses casos. A realidade e o entretenimento se mesclam no imaginário popular. “A questão não é determinar a verdade por meio de um processo de avaliação racional e conclusiva. Você escolhe sua própria realidade, como se escolhesse comida em um buffet. Também seleciona sua própria mentira, de modo não menos arbitrário” (D’ANCONA, 2018, p. 57). A desinformação e o descompromisso com a realidade perpassam as esferas da produção e consumo de notícias, visto que o sintoma geral da perda de referenciais decorre da tônica do atual período histórico, expressão ideológica do capitalismo tardio (JAMESON, 1997) solidificada em estranhamentos na esfera cotidiana mediada pelo ambiente digital.

Desemprego estrutural, desigualdades sociais catastróficas, destruição ambiental sem precedentes, conflitos étnico-raciais, discriminação cavalgar contra imigrantes, criminalização dos movimentos sociais, golpes políticos, Estado policialesco em regime constante de exceção, pauperização dos trabalhadores, precarização acentuada da vida cotidiana... Em períodos como esses, ganha força o pensamento irracionalista, buscando mascarar as tensões “exatamente nos momentos em que a explicitação das contradições objetivas passa a exigir respostas no sentido de manter a ordem social” (BARROCO, 2013, p. 266). O pós-modernismo, a pós-verdade e as notícias falsas parecem ser parte desse pensamento.

Fenômeno histórico-cultural da sociedade do capital

O jornalista britânico Matthew D’Ancona (2018) corretamente percebe a geologia intelectual da pós-verdade nas correntes pós-modernas do final do século XX. É como se esse pensamento tivesse se popularizado e se encravado na experiência do senso comum. Isso porque muitos de seus “principais pensa-

dores associados com essa escola pouco coesa, ao questionar a própria noção de realidade objetiva, desgastaram muito a noção de verdade" (D'ANCONA, 2018, p. 85). Eagleton afirma que a máxima de Hegel é invertida pelo pós-modernismo: "o real é irracional e o racional, irreal" (1996, p. 8).

Gramsci (1999) caracteriza o senso comum como uma concepção de mundo elaborada fora dele, mas que de forma desagregada se sedimenta nesse complexo de tendências conformistas. Para ele, as correntes filosóficas quase sempre deixam resíduos nos imaginários populares, agregando-se no senso comum como uma caricatura, mas sempre com direção prática para os agentes. A pós-verdade poderia, nesse sentido, ser descrita como uma projeção contemporânea das ideias pós-modernas na mentalidade hegemônica do cotidiano das populações em tempos de turbo-capitalismo digital.

As "fake news" caracterizariam o uso da perda da razão na prática noticiosa, seja no ocultamento de contradições sociais gritantes pela mídia hegemônica ou pelo jornalismo apologético realizado por midiativistas direcionados a catalisar seus adeptos em bolhas digitais. Ora, se a realidade é impossível de ser conhecida, basta disputar as narrativas sobre ela.

Eagleton define a pós-modernidade como uma "linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação" (1996, p. 7). O total desencanto com a objetividade e a verdade emerge das mudanças que o sistema do capital gerou nas últimas décadas, exacerbando o consumismo e flexibilizando duramente o mundo do trabalho. As tecnologias de informação reescalonam também as "estruturas de sentimento" (WILLIAMS, 1979) e o imaginário pós-moderno, em seu desprezo pela História, alia-se a um pessimismo político profundo, exaltando as diferenças e identidades e abandonando o anticapitalismo, o que coloca suas pautas em uma proximidade cúmplice com as formas de opressão material dadas na sociedade do capital.

Uma vez que não há sistemas ou história suscetíveis de análise causal, não podemos chegar às raízes dos muitos poderes que nos oprimem; e certamente não podemos aspirar a algum tipo de oposição unificada, de emancipação *humana* geral, ou mesmo de contestação geral do capitalismo, do tipo em que os socialistas costumavam acreditar (WOOD, 1995, p. 122).

Estruturas e causas foram inadvertidamente trocadas por fragmentos e contingências. O sujeito descentrado, portador de diversas facetas, tem identidade frágil. A linguagem é tudo o que podemos conhecer sobre o mundo. Não há realidade objetiva em substância material, somente existem os discursos em seus jogos de poder.

O relativismo “absoluto” dos intelectuais que giram ao redor do pós-modernismo alude a suas elucubrações acerca do papel da linguagem e da cultura como construtos sociais. A ciência torna-se um jogo de linguagem e o conhecimento um artefato discursivo, produto da total dissolução da ideia clássica de verdade. Mas se a vigorosa e mordaz crítica à razão moderna toma grande parte dos estudos dos pós-modernistas, o mesmo não se aplica à ordem do capital que garante a dominação de classe da burguesia (NETTO, 2010).

A aceitação da imediaticidade, a recusa da categoria de totalidade e a semiologização da realidade social são elementos comuns no ecletismo pós-moderno. Ele é uma ideologia funcional ao sistema sociometabólico de reprodução do capital (MÉSZÁROS, 2002) e um espelho da sociabilidade burguesa. As ideias do pós-modernismo são adaptações distorcidas de condições dadas pelo capitalismo contemporâneo.

Harvey (1992) e Jameson (1997) mapeiam essas teorias como uma espécie de pensamento atrelado às transformações sociais operadas no cerne do sistema de reprodução do capital a partir dos anos 1970. A reestruturação produtiva, a crise do movimento sindical, a predominância da acumulação financeira e o suporte da tecnologia nas redes produtivas e de consumo são, em síntese, uma nova ordem mundial que se estabelece e determina concretamente uma nova lógica cultural. Com elementos de continuidade e descontinuidade com a ordem exploratória do capital, esse novo “espírito do tempo”:

traz uma nova falta de profundidade, que se vê prolongada tanto na “teoria” contemporânea quanto em toda essa cultura da imagem e do simulacro; um conseqüente enfraquecimento da historicidade tanto em nossas relações com a história pública quanto em nossas novas formas de temporalidade privada (JAMESON, 1997, p. 32).

Mesmo com uma visão um tanto distorcida do papel do marxismo nos processos históricos do século XX e sem perceber com afinco a base material das leituras pós-modernas, D’Ancona acerta ao perceber o berço da pós-verdade nos simulacros da cultura contemporânea e tecer o papel das tecnologias da comunicação na derrubada dos valores que sustentavam a sociedade. Para ele, na esteira do tecido

intelectual pós-moderno, eclode, via absorção do cotidiano interconectado, um afrouxamento de valores como verdade, honestidade e responsabilização. "A pós-verdade alimenta a alienação, o desarranjo e o silêncio entorpecedor" (2018, p. 98).

Os refúgios em câmara de eco da internet, gerador das chamadas bolhas e a popularização na mídia de massas de *reality shows* e seus congêneres, que atrelam ficção à não ficção, são aspectos da pós-modernidade turbinada das últimas décadas. Preso nas aparências fetichizadas da realidade, esse pensamento imediatista é um obstáculo ao conhecimento. A contradição maior do capital está no fato de que sua organização e divisão do trabalho acelera produtividade, lucratividade e criação de bens jamais imaginados, ao mesmo tempo em que toda essa riqueza se dá à custa do bem-estar emocional, mental e físico dos trabalhadores (HARVEY, 2016).

A pós-verdade finca suas raízes quando afetos e emoções⁴ importantes para a experiência humana, como, por exemplo, a surpresa, o prazer, o reconhecimento e a indignação, são usados como base para a definição da realidade material (D'ANCONA, 2018). Espetáculo em dosagens particulares, como guia da produção noticiosa, também não poderia gerar nada mais do que falsidade e desinformação e a irrupção de uma espécie de indústria de falsas notícias, acalentadas por esse substrato cultural do senso comum em expressão digital, algo que, a nosso ver, coroa o processo de agudização da decadência ideológica.

Os eixos da produção e recepção, mediados pela distribuição de informações nas redes digitais, são coparticipes de um processo acentuando de esvaziamento do conhecimento ontológico da realidade, isso em conexão profunda com as mudanças intensas da reprodução do metabolismo do capital nas últimas décadas, bem como os aprimorados modos de reificação⁵ a ele correspondente. A organização da vida torna-se "[...] um sistema de reificações cuja consequência ideológica é que as pessoas se deixam tomar pelo estranhamento com mais facilidade, sem oferecer tanta resistência, muitas vezes até com entusiasmo [...]" (LUKÁCS, 2013, p. 681).

As reificações sociais se ancoram, nesse sentido, na vida ideal e emotiva do homem. O uso político das emoções e dos afetos, com dose cínica de falsidade,

⁴ Os estudos de Sodré (2006) e Safatle (2016), mesmo em tradição distinta da investigação aqui proposta, convergem no aspecto do papel da mobilização dos afetos na configuração política atual, bem como uma crítica a mercadologização que toma conta dessa esfera. Afinal, "[...] constituir vínculos políticos é indissociável da capacidade de ser afetado, de ser sensivelmente afetado, de entrar em um regime de *aisthesis*" (SAFATLE, 2016, p. 23).

⁵ Para Schneider (2008) além de ser referir à noção de coisificação do sujeito, a reificação também deve ser entendida como a legitimação do status quo. Ela sedimenta como necessários e naturais os elementos contingentes da realidade, ocultando o fato de que eles podem ser transformados pela práxis humana.

são o caldo ideológico pós-moderno da disseminação de “fake news”. A mitificação das experiências subjetivas incide no enfraquecimento do senso de realidade e, portanto, da descaracterização do jornalismo como conhecimento.

A decadência ideológica

A pós-verdade e sua variável jornalística de notícias falsas são a manifestação fenomênica do conhecimento objetivado pela sociabilidade burguesa do século XXI cujos estranhamentos dados na esfera cotidiana se intensificaram em plataforma tecnológica digital. Com Lukács (2013), compreendemos que as formas de pensar são categorias socialmente determinadas, o que coloca o irracionalismo hegemônico como produto ativo do desenvolvimento social e das dinâmicas da luta de classes.

Com o desenvolvimento do capitalismo e a crescente ampliação do domínio exercido pelas relações mercantis, a subordinação dos indivíduos à divisão social do trabalho, repercute em todas as dimensões da vida social, insinuando-se na subjetividade dos indivíduos sociais e em suas manifestações ideológicas, submetendo-os a sua lógica fragmentária (BARROCO, 2013, p. 257).

Historicamente pode-se identificar o início desse processo de decadência ideológica da burguesia na sua virada político ideológica após 1848. Os teóricos do poder econômico dominante transitam de um pensamento emancipador para a tarefa filosófica militante de constante apologia do sistema capitalista. O ímpeto do apologista está no falseamento da realidade e na desistência em compreender as forças motrizes da sociedade. O objetivo maior, assinala Lukács (2016), consiste em esmagar a tradição humanista-racionalista e negar o papel da herança clássica do pensamento filosófico na elaboração de uma compreensão social do mundo material.

Essa virada conservadora da burguesia torna-se aparato de uma classe para responder as questões colocadas pelo desenvolvimento social do capitalismo. A decadência ideológica possui como seu alicerce a divisão do trabalho, que isola na especialização dos homens sua compreensão total das contradições que afloram ao seu redor.

A consciência humana se vê dominada pela aparência dos movimentos da sociedade capitalista e sua pseudoautonomia, “[...]essa separação ideal entre teoria e práxis, produz também, nos homens que capitulam diante da vida capitalista sem oferecer resistência, uma cisão entre o entendimento e o mundo dos

sentimentos” (LUKÁCS, 2016, p. 116). A decadência ideológica se aguçou durante o século XX e, com as teorias pós-modernas, se complexifica, principalmente aliada a nova morfologia da divisão sociotécnica do trabalho, que exige a corrosão da subjetividade e do caráter, desconectando a vida material e intelectual.

Na vida cotidiana, os fenômenos frequentemente ocultam a essência do seu próprio ser em lugar de iluminá-la. Em condições históricas favoráveis, a ciência pode realizar uma grande obra de esclarecimento neste terreno, como acontece no Renascimento e no Iluminismo. Podem, todavia, verificar-se também constelações históricas nas quais o processo atua em sentido inverso: a ciência pode obscurecer, pode deformar indicações ou apenas pressentimentos da vida cotidiana (LUKÁCS, 2012, p. 294).

O racionalismo de tom neopositivista que se rende às demandas do capital é o outro lado do irracionalismo que se sedimenta no imaginário popular como visão de mundo que esvazia a compreensão humana da realidade concreta, assim como incentiva a falta de cultivo da vida sentimental. A manipulação das emoções com finalidades políticas servis à ordem burguesa reserva para os homens o despertar de seu lado agressivo, possibilitando atos de preconceito aliados ao estranhamento dos sentidos humanos.

Na ontologia da vida cotidiana, o fenômeno da ultrageneralização e da imitação, conforme desenvolvido por Heller (2008), são a base para que o ser humano veja enquanto deformadas as margens reais das alternativas que se põem a ele. “Quanto mais a vida cotidiana dos homens produzir modos e situações de vida coisificados [...], tanto mais facilmente o homem da vida cotidiana se adaptará espiritualmente a elas enquanto “fatos da natureza” sem oferecer-lhes resistência espiritual-moral [...]” (LUKÁCS, 2013, p. 664).

Assim, o irracionalismo incide tanto no conhecimento desantropomorfizador da realidade, aquele direcionado ao mundo da realidade material, muitas vezes relacionado à ciência; quanto do conhecimento antropomorfizador dela, aquele conectado ao enriquecimento das emoções e da vida sentimental dos seres humanos, cujos recursos da arte poderiam fortalecer. A gramática irracionalista do território digital são obstáculos a essas formas de conhecimento.

O crescimento do conservadorismo e das mentiras fascistas em formato “fake news” que ganham absorção cínica nas bolhas da internet deve-se muito a disseminação do irracionalismo que desperta, objetivamente, tais comportamentos.

Segundo Barroco (2013), o irracionalismo contribui para a criação de um caldo cultural que intensifica a animalidade do regime capitalista, bem como expande a barbarização da vida sentimental do homem. Já a inovação tecnológica e a perspectiva utilitarista de aprimoramento da ordem burguesa sem considerar seus impactos humanos e sociais, nas ciências duras e exatas, acabam por reificar a realidade social. A razão neopositivista e o irracionalismo da pós-verdade rompem com a dialética em dois âmbitos: a objetividade é vista sem a subjetividade no primeiro e/ou a subjetividade aparece sem a relação com a objetividade no segundo.

A decadência ideológica e o irracionalismo, nesse sentido, são fundamentos ontológicos da desinformação jornalística. A pós-verdade como percepção generalizada de perda do sentido social resulta da ação ideológica burguesa que, ativamente, via pós-modernismo, reconcilia historicamente a miséria ideológica e a crise do capital (PINASSI, 2009). A particularidade do papel tecnológico e midiático dessa ação, longe de ser uma conspiração de engratados em uma sala escura, possui inevitáveis mediações com a busca do lucro capitalista.

A economia da conexão online permanente e a busca rápida de audiências em nichos plurais feitas pelos distribuidores (redes sociais), bem como a complexa banalização do papel das emoções nesse processo por parte das audiências, conquistou para a humanidade uma arena em que o irracionalismo tem conseguido a vitória. Assim, a pós-verdade aparece como: “[...] um reconhecimento pelos produtores e consumidores da informação de que a realidade agora é tão elusiva a nossas perspectivas como indivíduos e grupos tão divergentes que não é mais significativo falar da verdade ou procurá-la” (D’ANCONA, 2018, p. 90).

A internet e as tecnologias de comunicação no geral permitiram um acesso ampliado às notícias e informações instantâneas e em ritmo pujante tem reconfigurado o mundo das trocas mercantis e sociabilidades. Assim, a posse desses meios de produção de consciências (ENZENSBERGER, 2003) tornou-se parte da estratégia de poder do bloco histórico dominante. Todavia, “as novas tecnologias midiáticas (em especial as redes sociais) são uma grande oportunidade, e também uma armadilha, para a dinâmica da luta de classes, como vimos nitidamente nas revoltas no Cairo, em Istambul e em outras cidades ao redor do mundo” (HARVEY, 2016, p. 100).

A tecnologia, longe de neutra, contraditoriamente permite a construção e manutenção de diversas formas de interação. Mas, enquanto rede do capital, sua associação com uma subjetividade estranhada capitaneada pelo irracionalismo, torna-se obstáculo para as formas de conhecimento, em especial o jornalismo, prática agora possível à massa de mídias (RAMONET, 2012). A esfera da reprodução social

dada na vida cotidiana tem sido interpelada pela financeirização do capital e pela intrusão de uma governamentalidade neoliberal que coloca os indivíduos no papel de neossujeitos (DARDOT; LAVAL, 2016), que são os modelares perfis do capitalismo contemporâneo. Traçar rotas de resistência nesse território demanda, além do conhecimento desse campo, organizações coletivas que superem tais enredos.

Irracionalismo e produção noticiosa

Parece-nos que a maior parte daquilo que passou a ser caracterizado como “fake news” se trata de um fechamento intencional do sentido, ou seja, a manipulação informativa utilizando a forma noticiosa para justificar posições políticas a qualquer custo, reforçando a indústria dos boatos em escala global. O anonimato ou os próprios perfis falsos ocultam os possíveis responsáveis e a crise de confiança gerada pelo panorama ideológico do irracionalismo fluidifica a difusão das mentiras. “Tudo o que importa é que as notícias pareçam verdadeiras, que elas repercutam” (D’ANCONA, 2018, p. 56). O uso de robôs virtuais (*bots*) entre inúmeras formas de ampliar o escopo de alcance de dados tornou-se um campo de controle das expectativas e distanciamento da realidade objetiva. Mobiliza-se e reifica-se afetos (SCHNEIDER, 2008, p. 219) e, por meio de acontecimentos deturpados ou forjados, direciona-se efeitos ideológicos⁶, seja para garantir a mercadoria atenção ou conduzir eleitores para uma corrente partidária. A novidade está na criação deliberada de mentiras e a atuação de campanha dos novos personagens que entraram em cena como produtores de conteúdo no mundo digital. É fato que barrigadas, deturpações e manipulações canhestras com o objetivo de controle também fizeram parte da imprensa burguesa. Mas, com o cenário do irracionalismo hegemônico em base digital, está prática claramente se multiplicou.

A disputa pela verdade instaurada entre os produtores credenciados (leia-se a mídia massiva) e os midiativistas (de esquerda e direita) envolve, além da busca da crença na veracidade de seus produtos, também a valorização de suas mercadorias. A popularização e facilidade em distribuir informações atingiram em cheio a estabilidade da imprensa convencional. Poderia ser um bom momento para o alvorecer de um jornalismo crítico emancipatório, aposta de Genro Filho

⁶ O estranhamento, segundo Lukács (2013), também é um fenômeno ideológico e brota diretamente dos complexos da vida cotidiana, sendo produto das relações econômicas imperantes. A mobilização do médium da vida cotidiana pelos conteúdos deturpados trata-se de um jogo ideológico focado no rebaixamento das faculdades humanas em prol da manipulação capitalista.

(2012) para um conhecimento desreificante, mas o potencial de resistência dos repórteres bem-intencionados em mídias alternativas sofrem dificuldades em municiar um público estranhado de consumidores neoliberais com conteúdos voltados para o entendimento da lógica invisível do sistema. Assim, permanece o utilitarismo neopositivista de busca por uma objetividade reificada por parte dos profissionais da imprensa (que serão os checadores da informação difundida nas redes) versus o irracionalismo desvairado dos produtores de “fake news”, cuja realidade objetiva se perde no bojo da verdade ideológica suprema de suas crenças.

O *fact checking* não traz garantias de solução para o fenômeno da pós-verdade, tanto porque pode ser produto da decadência ideológica (compromisso resignado com o status quo burguês – “*fake checking*”) quanto porque pode apresentar versões da singularidade abertas ao sentido (PONTES, 2015) que serão preenchidas por um público cujo cinismo do espectro irracional contemporâneo (ŽIŽEK, 2011) lhe imputa significados opostos. Ainda assim, mesmo que ocorra o sucesso gnosiológico de aproximação com uma possível “*real news*”, grupos como o projeto Comprova não nos parecem querer confirmar suas verdades na perspectiva da ontologia materialista, melhor dizendo, pela práxis transformadora da realidade, pois isso lhes exigiria tocar nas contradições políticas e econômicas de seus financiadores.⁷ E mais, sob o pretexto de busca credível, o *Facebook*, *Google* e mídia massiva podem estar tentando reestruturar seu poderio e massacrar de vez o jornalismo alternativo sério. Até mesmo porque a verdade da exploração econômica das classes subalternas, para eles, não passa de visão dogmática negativista. Sem combater a ordem exploratória do capital não se combate o irracionalismo.

A inumanidade do capitalismo, para Lukács,

[...] deseja reduzir as relações dos homens à exploração recíproca, a lograr e não ser logrado; em correspondência com ela, o capitalismo desenvolve nos envolvidos, nesse nível superficial abstrato, em que todo o humano é eliminado, uma perspectiva praticista, um conhecimento humano vulgarmente utilitarista, cuja essência consiste exatamente no completo ignorar de tudo que é humano (2016, p. 142).

No mundo da servidão digital (ANTUNES, 2018) que perpassa a atividade de trabalho dos jornalistas, cada vez mais precarizados e flexíveis, estranhados nas

⁷ O jornalismo apologético perpetrado pela mídia hegemônica em torno da reforma do Estado comprova isso. Temas como a reforma trabalhista e previdenciária são enquadrados como de vital importância para a retomada do “crescimento econômico”, em um formato nitidamente neoliberal e acrítico.

cadeias produtivas de informação para atrair atenção na captura da mercadoria tempo livre, dificilmente a desinformação jornalística poderá ser combatida de forma plena. Mas a história está aberta e com ela as possibilidades dos sujeitos poderem direcionar seus pores teleológicos para outros fins (LUKÁCS, 2013).

A atividade de superação dos estranhamentos elaborados pelo metabolismo do capital e sua expressão irracionalista no campo das ideias torna-se não só necessário, mas imprescindível para a revitalização do jornalismo como forma de conhecimento capaz de expor os conflitos reais que eclodem na sociedade, avançando no combate a “pós-verdade” enquanto tônica subjetiva da vida cotidiana. Para Lukács (2013, p. 438), “informação só se torna um fator social ao provocar posicionamentos”.

Esse imperativo ontológico coloca a desinformação jornalística como um obstáculo à compreensão da realidade objetiva e, portanto, impede posições efetivas no sentido de contraposição à barbárie social do metabolismo do capital em crise. A resposta parece estar não só nos jornalistas, como trabalhadores da informação, mas principalmente na constituição subjetiva dada na vida cotidiana, que necessita de intervenções não só intelectuais, mas econômicas e materiais. Afinal, “não há nenhum tipo de subjetividade que não seja social, nas raízes e determinações mais profundas do seu ser” (LUKÁCS, 2013, p. 588).

Considerações Finais

Buscamos demonstrar aqui os fundamentos materiais, históricos e ideológicos da chamada pós-verdade, dando atenção especial para o fenômeno das “fake news” e da desinformação jornalística. Com uma busca pelas mediações entre os complexos que constituem a era de descrença generalizada instrumentalizada pelas redes digitais, percebe-se que há pelo menos dois séculos já se verifica o fenômeno da decadência ideológica e o irracionalismo como vertente do pensamento social vinculado ao metabolismo do capital em processo de expansão. O olhar crítico-dialético de matriz lukacsiana pode clarear os condicionantes históricos desse momento particular, isso porque permite percebermos como o abandono da realidade objetiva e contraditória do mundo social foi aplicada pela corrente pós-modernista, isso ao mesmo tempo em que o próprio capitalismo modificava suas bases em busca de um novo impulso de sua incontrolável expansão.

As mudanças tecnológicas e a disseminação ampliada de informações em ambiente digital proporcionaram – junto da reestruturação produtiva no mundo do trabalho – a assimilação pelo senso comum dos pressupostos relativistas e niilistas do pós-modernismo. Os estranhamentos consolidados na vida cotidiana

absorvem o irracionalismo desses pensadores e a pragmática utilitarista e cínica da sociabilidade do capitalismo, em tempos de digitalização marcada pelo individualismo e pela solidão virtual, garantem o estofo necessário à noção de pós-verdade.

Agentes da burguesia decadente, neofascista e seus admiradores aproveitam a onda e surfam, aproveitando-se do desgaste do jornalismo, na produção de notícias falsas. Não que o jornalismo da imprensa tradicional fosse imunizado do irracionalismo hegemônico, pelo contrário, foi a adesão às manipulações descaradas e a dura campanha pelos valores neoliberais que o fizeram perder a credibilidade que um dia gozou.

Ao tratarmos de forma mais ampla um fenômeno de tamanha intensidade, algumas particularidades e resistências ao processo, bem como diferenças existentes no pensamento burguês e liberal – mesmo como algumas possíveis positivities de suas elucubrações – podem ter ficado eclipsadas na descrição mais geral da problemática. Contudo, foi objetivo aqui descrever, nos limites de um artigo, a predominância do irracionalismo como fator que permeia muito da subjetividade do metabolismo do capital dos dias atuais, gerando a perda de sentido social. Essa amarração ontológica merece ser mais estudada e faz parte do necessário renascimento do marxismo.

Outro alerta se faz necessário nessas últimas linhas, a crítica radical empreendida aqui contra a forma de reprodução social do capital e seu espírito contemporâneo manifestado em sua particularidade nas “fake news” nada tem de apocalíptica ou pessimista. Pelo contrário, busca situar sem ilusões o terreno em que podemos pensar em iniciativas transformadoras. Até mesmo porque o materialismo histórico percebe nos produtores e nos receptores de informação potencialidades humanas impossíveis de serem negadas em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviço na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. Lukács e a crítica do irracionalismo: elementos para uma reflexão sobre a barbárie contemporânea. In: DEL ROIO, Marcos. **György Lukács e a emancipação humana**. São Paulo: Boitempo, 2013.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro: fake news e a crítica de Perseu Abramo 30 anos depois. **Revista Rumores**, São Paulo, n. 23, v. 12, jan/jun. 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677x.rum.2018.144229>

- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Barueri: Faro Editorial, 2018. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8652833>
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2018.149022>
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- EAGLETON, Terry. **Depois da teoria**: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo: Conrad Editora, 2003.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v.1.
- HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HUWS, Ursula. Vida, trabalho e valor no século XXI: desfazendo o nó. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 70, p. 13-30, jan./abr. 2014. <https://doi.org/10.1590/s0103-49792014000100002>
- JAMESON, Frederic. **Pós-Modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Editora Ática, 1998. <https://doi.org/10.11606/d.8.2013.tde-12022014-113107>
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- LUKÁCS, György. **Marx e Engels como historiadores da literatura**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- PINASSI, Maria Orlanda. **Da miséria ideológica à crise do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- PONTES, Felipe. **Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.
- RAMONET, Ignácio. **A explosão do jornalismo**: das mídias de massas à massa de mídias. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RAMONET, Ignácio. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privado? In: MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder**. Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. <https://doi.org/10.26512/rfmc.v3i1.12501>

SCHNEIDER, Marco. **A comunicação e o gosto**: uma abordagem marxista. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo: ECA/USP, 2008. <https://doi.org/10.1590/s0100-19652004000200014>

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**. São Paulo: Editora Record, 2009.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOOD, Ellen. Em defesa da história: o marxismo e a agenda pós-moderna. **Revista Crítica Marxista** 3, 1996.

ŽIŽEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011. <https://doi.org/10.24824/978854441505.4>

Dados do autor:

Rafael Bellan Rodrigues de Souza - e-mail: rafaelbellan@yahoo.com.br

Professor adjunto do curso de Comunicação Social/Jornalismo e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Com pós-doutorado pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), possui doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), mestrado em Comunicação Midiática pela Unesp (2006) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo também pela Unesp (2003).

Endereço do autor:

Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes da UFES - Av. Fernando Ferrari, 514 - Goiabeiras - Vitória (ES), Brasil